

Academia da Latinidade

XIV Conferência

1. Quero começar por agradecer ao meu querido amigo Cândido Mendes, a alma da Academia da Latinidade, - e aos organizadores desta XIV Conferência, que se realiza em Quito - o seu amável convite que, para mim, representa uma honra e uma oportunidade única, para ouvir, reflectir e debater sobre a problemática da América Latina e para estabelecer excelentes contactos. Desejo, igualmente, saudar todos os ilustres participantes, e em especial, Sua Excelência o Senhor Vice-Presidente da República do Equador e o Magnífico Reitor da Universidade Andina Simon Bolivar, com o maior respeito e alta consideração, bem como todos os equatorianos presentes.

2. Esta Conferência de Quito elegeu como tema "O Desenvolvimento e a Interculturalidade: diferença e imaginário da nação no Mundo Andino". Estão previstas intervenções, de dimensão científica, filosófica, sociológica, política e económica, seguramente de enorme qualidade, tendo como centro o Equador, como nação andina, e obviamente, no contexto regional a que pertence.

3. Não sou especialista de nenhuma das matérias referidas - embora seja curioso de muitas delas - e, por isso, não irei abordar nenhuma, em particular, permitindo-me antes trazer-vos aqui uma visão distante, mas muito interessada, do homem político que sou, com alguma experiência nacional e internacional, na sua tripla qualidade cidadã de português, de ibérico e de europeu.

4. Fiz, salvo erro, três visitas ao Equador, ou quatro, se contar a actual, nos últimos trinta anos. Estive em Quito, mas também em Guayaquil e em Galápagos, de que guardo recordações inolvidáveis, especialmente de Quito, cuja fabulosa zona histórica, considerada pela UNESCO Património da Humanidade sempre tanto me impressiona e também de Galápagos, onde passei uma semana visitando, num navio escola, ilha a ilha, todo o Arquipélago do hemisfério sul, evocando naturalmente Darwin. Conheci, em diferentes ocasiões, vários Presidentes do Equador e outros homens políticos equatorianos e, desde logo, o meu admirado amigo Rodrigo Borja, bem como outras personalidades políticas e culturais que me ensinaram muito sobre o Equador e as suas gentes. Por outro lado, conservo na memória, como um enriquecimento pessoal, a paisagem, tão variada e empolgante, das montanhas andinas, da costa do Pacífico, das Galápagos e, mais fugazmente, da bacia Amazónica, especialmente do lado do Peru e do Brasil.

5. Tenho acompanhado, de longe, os problemas difíceis do desenvolvimento e das complexas ligações terrestres e fluviais da Região Andina, além dos desequilíbrios sociais e ambientais que

continuam a preocupar os mais altos responsáveis políticos e intelectuais do Equador e de toda a Região Andina.

6. Aliás o Equador, dada a sua posição geo-estratégica, não se insere tão só na Comunidade Andina de Nações. Integra-se, igualmente, na Organização dos Estados Americanos (OEA), participando na Comunidade Sul-Americana de Nações (CSN), na Conferência Ibero-Americana de Chefes de Estado e de Governo (de que Portugal e Espanha também fazem parte e, por isso nela várias vezes participei), na Organização do Tratado de Cooperação Amazónica (OTCA) e na **Associação Latino Americana de Integração** (ALADI).

O Equador tendo acabado de regressar ao G20, criado em 2003, para resistir às pressões da América do Norte e da União Europeia, em termos da Organização Mundial de Comércio, esteve presente, a alto nível, no último fim de semana, em Cuba, na tão significativamente renovada Cimeira dos Não Alinhados, onde se deu o encontro entre os Presidentes da Índia e do Paquistão, para reatar as conversações diplomáticas entre os dois países.

7. Um grande jornalista francês, já falecido, Marcel Niedergang, descreveu num livro que fez alguma sensação, nos anos setenta, as "Vinte Américas Latinas". Realmente, a singularidade de cada um dos Estados-nação latino-americanos, do México à Argentina, para só citar os maiores, passando pela Colômbia, pelo Brasil, pelo Peru, pelo Chile, pela Venezuela, pela Bolívia, pelos países da América Central e da América Caribenha, salta à vista. As diferentes expressões demográficas e etnográficas, as realidades históricas, as evoluções políticas, também tão diferenciadas, as diversas potencialidades económicas e riquezas naturais e a própria diversidade da geografia e do clima, acentuam a singularidade de cada Estado latino-americano, porventura, vistos da Europa, agrupando-os em sub-regiões.

E, no entanto, não deixam de se impôr, igualmente, traços comuns que de algum modo unificam todos os Estados da Ibero América ou da América Latina.

8. Quais são esses traços comuns? A meu ver, são: o choque cultural que, em começos do século XVI, resultou do encontro histórico entre as civilizações autóctones (mais ou menos articuladas) e os povos "descobridores" ou melhor: ocupantes e, depois, colonizadores, vindos da Península Ibérica (Espanha e Portugal), povos esses que impuseram as suas línguas com algumas nuances: o espanhol (castelhano) e o português; a sua comum religião (o catolicismo, nessa época, intolerante e inquisitorial, mas com alguns traços de humanismo em relação às populações originárias, os ameríndios, entre si tão diferenciadas); povos ibéricos que se cruzaram, mais ou menos, com as populações locais (e as africanas trazidas, como escravas de África), criando sociedades miscigenadas e multiculturais, com estruturas juridico-políticas e religiosas decalcadas das suas raízes ibéricas.

9. Pode dizer-se que a grande maioria dos países latino-americanos fala espanhol ou português, idiomas próximos e compreensíveis entre si, o que hoje constitui um conjunto linguístico, em expansão, falado por cerca de 800 milhões de seres humanos (mais de 200 milhões, português, e 550 milhões, espanhol), nos cinco continentes, o que representa mais de um décimo da população mundial. O que não é pequena coisa!

Na América Latina há obviamente outras incursões linguísticas: como, por exemplo, o francês, o inglês e o holandês, dominantes em certos Estados, como na Guiana, na Martinica, no Haiti (francês), na Jamaica ou nos Barbados, o inglês e no Suriname, o holandês, para além de certas línguas autóctones que persistem. Note-se que os grandes linguistas mundiais sustentam que os idiomas autóctones não devem morrer porque com eles morreriam maneiras originais de interpretar o Mundo...

10. Durante o século XIX, sob a dupla influência, tão estimulante, da independência americana e da revolução francesa, dos finais do século XVIII, foi iniciado o processo em toda a América Latina das suas diferentes identidades nacionais, libertando-se dos "colonizadores" ibéricos e conquistando, paulatinamente, por processos diferenciados, as suas respectivas independências.

11. A doutrina do Presidente James Monroe, no início do século XIX, na Mensagem enviada ao Congresso em 2 de Dezembro de 1823 - a América para os americanos - e as políticas prosseguidas, em consequência, pelo grande vizinho do norte, em relação à América Latina, procuraram, a partir de então, destruir os sonhos integracionistas de vários países latino-americanos de fala espanhola, tentando aprofundar as suas divisões, para melhor os dominar no plano económico, numa espécie particular e pioneira de neo-colonialismo. Isso trouxe, naturalmente, conflitos, resistências, intervenções directas e indirectas, antagonismos que se sucederam, de diversas formas, ao longo do passado século XX e que explicam, em parte, o subdesenvolvimento, as derivas militaristas, as contradições, as lutas e, pela parte de algumas elites económicas, um certo mimetismo político-cultural do "império".

12. A Revolução dos Cravos, em Portugal, em Abril de 1974, veio provar ao mundo que era possível a um país libertar-se de uma velha e retrógrada ditadura, além do mais colonialista, em tempo de "guerra fria", sem, necessariamente, ter de ficar dependente do universo comunista. O sucesso da Revolução Portuguesa - que constituiu uma verdadeira ruptura cerce com o antigo regime - facilitou imenso o êxito, quase sem sobressaltos, da transição democrática negociada espanhola e, depois desta, que muitas ditaduras sul-americanas realizassem pacificamente diferentes "transições democráticas" nos anos oitenta.

13. Cuba foi uma excepção, por a Revolução de Fidel ter ocorrido mais de uma década antes, em verdadeiro contra-ciclo. Depois do fracasso da Baía dos Porcos, o isolamento e o bloqueio, a que Cuba foi condenada pelo "império", além de outros enormes custos, obrigou-a a uma grande

dependência, embora nem sempre a um alinhamento, com o bloco soviético, no tempo da "guerra fria", e a uma situação de enorme isolamento e penúria, após o colapso do comunismo.

14. Com o fim do mundo bipolar, e a tentativa de generalização, à escala planetária, da globalização económica neo-liberal, fomentadora de grandes desigualdades sociais e de pobreza, e, em sentido contrário, dada a revolução tecnológica e informática e o aparecimento do fenómeno da cidadania global, tudo mudou radicalmente.

O 11 de Setembro de 2001 revelou o horror, em estado puro, do terrorismo global ou islâmico, um flagelo para o Mundo. Mas os erros estratégicos indesculpáveis cometidos pela administração Bush, hoje admitidos pelo próprio Senado Americano, para o combater, com a intervenção no Afeganistão (ao abrigo da NATO, um precedente perigosíssimo) e a invasão e ocupação do Iraque (sem o aval das Nações Unidas) não só foram ineficazes na "guerra" contra o terrorismo, como o fomentaram. Na verdade, o Iraque tem sido um campo de treino de "terroristas", em grande escala. E, ao mesmo tempo, a política americana descreditando os valores que sempre proclamou, desrespeitando o Direito Internacional e marginalizando as Nações Unidas, com as teorias da "guerra preventiva" e do "unilateralismo", tem vindo a perder autoridade moral e credibilidade. Além das torturas infligidas a "prisioneiros", não submetidos a julgamento, em Guantanamo e em Abu-Ghraib e em "prisões secretas" criadas pela CIA fora do território dos Estados Unidos... Uma vergonha!

15. O descrédito da política dos Estados Unidos (e da União Europeia, por omissão e seguidismo aos Estados Unidos dos seus dirigentes), é algo de muito grave para o Ocidente. Explica a arrogância com que certos países se permitem desafiar hoje a potência hegemónica - cujas fragilidades têm vindo a ser postas a nu - como no caso da Coreia do Norte e do Irão, entre outros países. Têm vindo igualmente a favorecer um realinhamento das potências mundiais a nível planetário. Não só os países chamados emergentes, os BRICs: Brasil, Rússia, Índia, China mas também o Japão, a Indonésia, a África do Sul e, obviamente, a Ibero-América, cujos "hispanicos" começam a ser uma preocupação para a América do Norte, protestante, branca e de língua inglesa. Veja-se o último livro de Samuel Huntington.

16. A administração Bush, dadas as dificuldades globais em que se envolveu, nos últimos anos, descurou um pouco a tradicional vigilância dos Estados Unidos em relação aos seus vizinhos do sul. O que facilitou uma certa evolução positiva - no plano económico, social e político - da Ibero-América, sobretudo no Mercosul e nos países da Região Andina. Tudo está em desenvolvimento acelerado e pressente-se um esforço de integração solidária - no respeito óbvio das identidades nacionais - que parece ser de bom augúrio.

17. O modelo do livre-comércio igual a democracia (mesmo que se expresse num voto formal, de legalidade discutível) está a cair em desuso, dando lugar a teses reformistas, moderadas

e radicais. Sucede que as segundas parecem ter mais visibilidade internacional, embora talvez não venham a revelar-se, nos próximos anos, como as mais eficazes.

18. Mas não há dúvida de que a importância dada a um modelo económico sustentado, com uma autêntica dimensão social - de modo a fomentar sociedades mais igualitárias e justas - e uma dimensão ambiental, tão decisivamente importante hoje para a sobrevivência do Planeta, tende a aproximar os países latino-americanos da União Europeia, o que considero, como português, ibérico e europeu extremamente vantajoso para ambas as partes.

19. Estou convicto que Espanha e Portugal terão aí um importante papel a jogar e que a Presidência Portuguesa da União, que terá lugar no segundo semestre de 2007, fará tudo o que estiver ao seu alcance para estimular as relações de solidariedade entre a Ibero-América (e não só o Mercosul) e a União Europeia.

20. É possível, que entretanto, a situação internacional se possa desanuviar um pouco. Se for possível evitar, como julgo que é, o conflito entre o Irão e os Estados Unidos, por negociações, numa primeira fase, mediadas pela União; se a intervenção, sob patrocínio das Nações Unidas, no Líbano, encorajar uma solução de paz, que convém vitalmente a Israel, até para facilitar o regresso indispensável ao diálogo entre Israel e a Palestina, sem o qual não haverá paz, estabilidade, nem progresso no Médio Oriente; se a presidência alemã da União, no primeiro semestre de 2007, der, como espero, um novo impulso à construção europeia; - é bem possível que se assista a algum desanuiamento internacional, bem necessário para estimular a economia mundial, tão afectada com o crescimento em flecha do preço do petróleo.

21. Nessa hipótese, que não é utópica - embora não passe de uma hipótese - a América Latina tem uma enorme oportunidade de assegurar, um bom ritmo de desenvolvimento sustentado à sua frente. Deve aproveitá-lo. Bush e Blair estão inevitavelmente a chegar ao fim dos seus mandatos, sem glória nem sucesso. Por seu lado, o neo-liberalismo, que quiseram implantar à escala universal, começa a dar evidentes sinais de esgotamento. O reformismo económico-social-ambiental é o único caminho político possível conducente à paz e ao progresso. Mas é bem necessário que o reformismo moderado (que está a ser levado à prática por países, como o Chile, a Argentina, o Brasil, o Uruguai, entre outros) não entre em conflito com o reformismo radical de países como a Venezuela, a Bolívia, talvez o México e alguns outros. É importante para ambos os reformismos que assim aconteça.

22. Da capacidade dos dirigentes ibero-americanos para estabelecer uma ponte e uma convergência, entre os dois radicalismos, pode depender a abertura de uma oportunidade única para a América Latina. Com a solidariedade ibérica e, conseqüentemente, da União Europeia, poderá nascer para o sub-Continente americano um novo ciclo de afirmação e progresso, de enorme significado - e importância - no mundo tão conturbado e inseguro, deste início do nosso século XXI.

Mário Soares

Quito 21 de Setembro de 2006